

TwitLonger

 reginan

Regina Navarro Lins @reginanavarro

9th January 2011 from Twitlonger

6

10

Tweet

Curtir

O mito da ninfomania > A repressão sexual, ao longo da História, alimentou uma fantasia resistente e de aparência confiável, se é possível dizer isso de um mito: a ninfomania. Ele nasceu de um outro mito, também solidificado longamente, de que mulheres não tinham prazer sexual. Tais “verdades” faziam supor que, se as mulheres não tinham desejo, qualquer uma que tivesse algum era doente: uma ninfomaniaca.

A mulher insaciável é uma fantasia masculina. Muitas mulheres sofreram em função desse mito. No século XIX, médicos retiravam os ovários de algumas mulheres para controlar sua sexualidade, e em alguns poucos casos, removiam o clitóris. Outras foram colocadas em instituições para doentes mentais com o diagnóstico de ninfomaniacas. A historiadora Carol Groneman, em seu livro Ninfomania comenta as ideias do século XIX a respeito da mulher insaciável.

As ideias médicas sobre a insaciabilidade sexual das mulheres, combinadas com o legado religioso que considerava Eva como sedutora, permaneceram essencialmente intactas até o século XVIII. Nessa ocasião, começou a ocorrer uma mudança drástica na compreensão da sexualidade feminina. Em consequência, as noções modernas de ninfomania — como a fúria uterina passou a ser chamada — refletiam premissas muito diferentes sobre o desejo sexual feminino. Profundas mudanças políticas, econômicas, científicas e sociais moldaram uma nova concepção das mulheres.

A promessa igualitária da revolução americana parecia conter a possibilidade de um novo papel para as mulheres. Se todos os seres humanos possuíam certos direitos inalienáveis, como proclamavam a doutrina revolucionária e o Iluminismo, por que então a metade da população era deles excluída? Ao longo das décadas subsequentes, a ciência e a medicina forneceriam as respostas para manter a hierarquia tradicional: a biologia das mulheres tornava-as incapacitadas para partilhar com os homens os recém-adquiridos direitos políticos e sociais.

No século XIX, uma onda de fervor moral varreu o Ocidente, reforçando esse período de grande mudança. Ministros evangélicos conclamaram as mulheres a proporcionar um modelo de pureza para ambos os sexos. O ideal feminino de “ausência de paixão” permitia que as mulheres reivindicassem uma posição moral superior. Ao mesmo tempo, o novo ideal feminino também as instalava firmemente num pedestal. Elas deveriam domar as paixões dos homens e manter a pureza do lar, sem participar do mundo público de trabalho e política. Os médicos avaliaram que as mulheres tinham um sistema nervoso muito delicado, “doença mensal” e cérebro menor, além de órgãos reprodutivos também menores; tudo isso fazia com que fosse insalubre para elas votar, trabalhar fora de casa, escrever livros, ir para a universidade, ou participar de debate público.

Muitas teorias médicas diferentes tentavam explicar as causas da ninfomania: nervos esgotados, inflamação no cérebro, lesões na coluna, cabeça deformada, além de genitália irritada e clitóris ampliado. Achavam também que a ninfomania se relacionava com a indulgência e excesso sexual, o desejo sexual não controlado pela vontade, a disposição para sucumbir à tentação.

O primeiro estudo mais amplo da doença — Ninfomania, ou Uma Dissertação sobre o Furor Uterino — escrito

por um obscuro médico francês, T. Bienville, em 1775, enfatizava que comer alimentos muito condimentados, consumir chocolate demais, acalantar pensamentos impuros, ler romances ou se masturbar estimulavam demais as delicadas fibras nervosas das mulheres, levando à ninfomania. Não se mediam esforços para que as mulheres se mantivessem reprimidas e submissas.

Texto de Regina Navarro Lins

<http://tl.gd/81e31k> · Reply

[Report post \(?\)](#)

[home](#) [about](#) [privacy](#) [api](#) [advertise](#)

TwitLonger is developed and run entirely by Stuart Gibson (@stuartgibson). Twitlonger is in no way associated with Twitter, but they sure do a swell job over there ♥